



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**A PRÁTICA DA ARTETERAPIA APLICADA NA ONCOLOGIA PEDIATRICA EM
HOSPITAIS**

Fernanda de Campos Salles Gonçalves

São Paulo

2025

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**A PRÁTICA DA ARTETERAPIA APLICADA NA ONCOLOGIA PEDIATRICA EM
HOSPITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para graduação no curso
de Psicologia, sob orientação da Profa.
Dra. Marisa Vicente Catta Preta.

São Paulo

2025

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que me inspirou desde sempre a amar todas as formas de arte, e me ensinou, com seu amor imenso, a importância de olhar o outro com empatia e carinho. Você foi a base de tudo, o primeiro exemplo de amor e dedicação que encontrei no mundo. Sou o reflexo do seu ensinamento, mãe, e a cada dia tenho mais certeza do quanto sou grata por ter sido guiada por você.

Ao meu pai, que, com seu esforço, construiu a nossa família e me deu tudo o que precisava para estar aqui hoje. Sem o seu trabalho incansável, sem o seu exemplo de coragem e resiliência, eu não estaria onde estou. Obrigada por me ensinar que a luta diária é feita de dedicação, alegria e muito amor pela vida.

Aos meus avós, vocês foram mais que pilares, foram verdadeiros alicerces da minha caminhada. O apoio, o carinho e os ensinamentos de vocês foi o que me permitiu seguir firme, com a certeza de que sempre tenho em vocês um porto seguro.

Às minhas amigas, porque não se vive sem balbúrdia e amor. Vocês foram o suporte que me fez enxergar a beleza em cada caos, e por isso sou imensamente grata.

E por fim, ao meu amor, que me acolhe e caminha ao meu lado. Sua presença é o porto seguro que me deixa livre para ser, simplesmente, eu.

Pela arte me encontrei, pois nela vi o amor de que sou feita.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a prática da arteterapia no contexto da oncologia pediátrica hospitalar, especialmente sob a perspectiva da psicologia analítica junguiana. Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, foram investigadas as contribuições da expressão artística para o bem-estar emocional de crianças em tratamento oncológico. A arteterapia, nesse cenário, surge como recurso terapêutico não verbal que promove o autoconhecimento, a ressignificação simbólica da experiência do adoecimento e o fortalecimento do ego infantil. Fundamentada na teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo, a abordagem junguiana contribui para o acesso a conteúdos psíquicos profundos por meio da criação artística. As práticas observadas envolvem pintura, desenho, escultura, teatro, música e dança, favorecendo a expressão de sentimentos e o enfrentamento das dificuldades emocionais vividas no hospital. Conclui-se que a arteterapia, quando aplicada de forma sensível e simbólica, pode promover importantes avanços na qualidade de vida e saúde mental das crianças hospitalizadas, além de constituir-se como prática humanizadora e integrativa do cuidado em saúde.

Palavras-chave: Arteterapia; Psicologia Analítica; Oncologia Pediátrica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
MÉTODO.....	9
ARTETERAPIA NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA...13	
AS PRÁTICAS DA ARTETERAPIA NA PEDIATRIA ONCOLOGICA ...18	
AS PRÁTICAS DA ARTETERAPIA NA ONCOLOGIA PEDIATRICA SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....21	
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 26	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 28	

INTRODUÇÃO

A arteterapia é um poderoso meio para expressão da subjetividade, ela emerge como uma disciplina terapêutica que integra a expressão artística e o processo terapêutico para promover o bem-estar (Reis, 2014). O presente trabalho, tem como objetivo conhecer e analisar a prática da arteterapia no que diz respeito ao uso de desenhos e pinturas aplicada na oncologia pediátrica em hospitais por meio de um estudo bibliográfico. A justificativa para este estudo é multifacetada, fundamentada na crescente necessidade de trabalhos na abordagem da psicologia analítica para promover a saúde mental e emocional em um mundo marcado por estresse, ansiedade e distúrbios relacionados, com trabalhos com arte, como foi o da pioneira Nise da Silveira.

Enfrentamos desafios significativos em termos de saúde mental e qualidade de vida no mundo capitalista e individual que vivemos atualmente. A angústia e ansiedade gerada pelo neoliberalismo são globais. A arteterapia, ao integrar a expressão artística com a psicoterapia, oferece uma abordagem inclusiva e acessível para promover o equilíbrio emocional e a satisfação pessoal em diferentes grupos sociais, incluindo crianças, adolescentes, adultos e idosos. Além disso, sua aplicabilidade em diversos contextos, como escolas, hospitais, comunidades e ambientes de trabalho, a torna uma ferramenta valiosa para intervenções de saúde pública e promoção do bem-estar em larga escala.

A busca pelo equilíbrio emocional e satisfação pessoal é uma aspiração universal. Cada indivíduo enfrenta desafios emocionais e psicológicos únicos ao longo da vida, e a arteterapia oferece uma abordagem criativa e não invasiva para explorar e resolver essas questões. Pessoalmente, como pesquisadora, minha motivação reside na experiência direta dos benefícios transformadores da arteterapia em minha própria jornada de autodescoberta e crescimento pessoal. Ao testemunhar em primeira mão como a expressão artística pode catalisar a cura e promover a resiliência, sinto-me compelida a investigar mais a fundo o potencial terapêutico dessa prática dentro do contexto hospitalar oncológico pediátrico.

Portanto, esta pesquisa visa responder a seguinte pergunta: de que forma a arteterapia pode influenciar a vida de pacientes da oncologia pediátrica? Procura-se entender não somente se há um efeito da arteterapia em crianças hospitalizadas com câncer, mas também quais são eles e se são positivos ou negativos.

Nesse trabalho, iníício falando sobre a arteterapia como uma prática terapêutica integrativa, destacando suas origens históricas, fundamentos teóricos e diferentes vertentes, com ênfase na contribuição da psicanálise e da psicologia analítica junguiana para sua consolidação enquanto abordagem terapêutica. Segundo Reis (2014), a arteterapia é um recurso que permite ao indivíduo acessar conteúdos inconscientes por meio da criação artística, promovendo autoconhecimento, elaboração simbólica e desenvolvimento psíquico.

Em seguida, abordo os fundamentos da psicologia analítica e sua relação com a prática arte terapêutica, ressaltando o papel das imagens arquetípicas, símbolos e do processo de individuação no contexto clínico. Para Philippini (2021), a psicologia analítica oferece uma estrutura simbólica rica para interpretar as produções artísticas, favorecendo uma compreensão profunda da psique e possibilitando uma escuta sensível às imagens emergentes do inconsciente.

A revisão de pesquisa teórica sobre arteterapia mostra que essa prática emerge como uma abordagem promissora e multifacetada para promover o equilíbrio emocional. Ela é uma abordagem terapêutica que integra expressão artística e processos terapêuticos. Quando baseada em fundamentos da psicologia analítica junguiana, a arteterapia pode oferecer uma forma única de acesso ao inconsciente e à cura por meio da criação artística, possibilitando a manifestação de imagens simbólicas que facilitam o processo de individuação, uma jornada de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal que integra diferentes aspectos da psique (Prado, 2023). De acordo com Jung, o inconsciente contém além dos complexos do inconsciente pessoal, imagens arquetípicas oriundas dos arquétipos que se encontram na esfera do inconsciente coletivo que são acessíveis através da arte, tornando-a um instrumento valioso no entendimento e na transformação da psique humana (Jung [1954] 2002, §15).

Já no próximo capítulo, abordo as práticas da arteterapia na pediatria oncológica, analisando como essa abordagem é utilizada para oferecer suporte emocional a crianças em tratamento de câncer. Para Rosa et al. (2024), a arteterapia cria um espaço lúdico e acolhedor no ambiente hospitalar, permitindo que as crianças expressem medos e emoções de maneira segura, o que contribui para a melhora da comunicação, fortalecimento da autoestima e enfrentamento do adoecimento. Sendo assim, com uma

base sólida de evidências científicas e um compromisso contínuo com a pesquisa e prática baseadas em evidências, a arteterapia tem o potencial de desempenhar um papel significativo na melhoria da saúde mental e na promoção da qualidade de vida para indivíduos e comunidades em todo o mundo (Piccoli, 2016).

Por fim, no capítulo posterior, analiso as práticas da arteterapia na oncologia pediátrica sob a perspectiva da psicologia analítica, enfocando o papel dos símbolos pessoais e arquetípicos na expressão e elaboração psíquica das experiências relacionadas ao adoecimento. Silva (2004) afirma que a criação artística permite ao paciente externalizar conflitos internos e reorganizar simbolicamente a experiência traumática, promovendo resiliência emocional e fortalecimento do ego. Logo, pode-se dizer que a arteterapia junguiana fornece às crianças ferramentas para reorganizar suas experiências internas, utilizando a criação artística como um meio de expressar aspectos de sua psique e lidar com temas como vida, morte e renascimento, que frequentemente emergem no tratamento de doenças graves como o câncer (Philippini, 2021).

Nesse contexto, o papel do arteterapeuta é essencial, pois ele guia a criança na exploração dos símbolos que surgem no processo criativo, ajudando-a a dar forma a seus sentimentos e a integrar emoções profundas ao consciente. A postura acolhedora e livre de julgamentos do terapeuta facilita o estabelecimento de um espaço seguro, onde as crianças podem explorar suas emoções e construir uma narrativa mais resiliente para enfrentar os desafios do tratamento (Fiorindo, 2014).

Concluo o trabalho com considerações sobre o estudo feito e ressalto a importância da arteterapia enquanto recurso terapêutico no contexto da oncologia pediátrica, destacando seu potencial de humanizar o cuidado hospitalar e de promover a integração psíquica através da expressão simbólica, especialmente à luz dos princípios da psicologia analítica junguiana.

MÉTODO

Este trabalho tem como objetivo conhecer e analisar a prática da arteterapia no que diz respeito ao uso de desenhos e pinturas aplicada na oncologia pediátrica em hospitais por meio de um estudo bibliográfico. Procura-se entender não somente se há um efeito da arteterapia em crianças hospitalizadas com câncer, mas também quais são eles e se são positivos ou negativos. Ele foi desenvolvido com o intuito de aprofundar o entendimento sobre a prática da arteterapia, especialmente sob a ótica da psicologia analítica, no contexto de oncologia pediátrica em hospitais. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica, explorando fontes acadêmicas e científicas para obter uma compreensão abrangente e fundamentada sobre o tema. Para tanto, foram consultadas as bases de dados Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (Scielo), além de livros físicos e e-books.

A análise do material selecionado seguiu uma abordagem qualitativa e descritiva, caracterizada por um estudo que busca compreender os significados, percepções e experiências dos participantes (no caso desta pesquisa, os textos) em profundidade, considerando o contexto em que estão inseridos. Essa abordagem, além de apresentar possibilidade de um maior aprofundamento em outros aspectos que não a quantidade de participantes ou a necessidade de uma pesquisa empírica, também permitiu identificar as principais contribuições, desafios e lacunas na literatura sobre arteterapia na oncologia pediátrica.

As palavras-chave que guiaram o processo de pesquisa foram “arteterapia,” “psicologia analítica,” “oncologia pediátrica” e “arteterapia junguiana”. Esses termos foram escolhidos para abranger tanto os fundamentos teóricos da arteterapia quanto suas aplicações práticas na psicologia analítica e no contexto hospitalar pediátrico oncológico. Para delimitar o período de análise, foram priorizados estudos publicados entre 2014 e 2024. Essa faixa temporal permitiu focar em abordagens contemporâneas e recentes, assegurando a relevância e atualidade das práticas e teorias revisadas.

Os critérios de inclusão e exclusão dos estudos visaram à seleção de materiais que abordassem diretamente a prática da arteterapia em contexto oncológico infantil e seu vínculo com a psicologia analítica. Foi feita uma tabela de organização para guiar o desenvolvimento deste trabalho. Nela estão presentes apenas os artigos encontrados nas

buscas nos sites citados acima. Primeiro foi feita uma seleção por título, autor, ano e referência bibliográfica. Em seguida, foi feita a leitura do resumo, objetivo e método de cada artigo selecionado e houve descarte de alguns artigos e pesquisas previamente escolhidas. Após leitura e fichamento iniciou-se a produção de cada capítulo e conforme foram sendo utilizados os artigos como base teórica para construção da pesquisa, marcava-se na tabela em quais capítulos eles estariam presentes.

Em síntese, a metodologia adotada buscou oferecer uma visão crítica e fundamentada sobre a arteterapia no contexto da oncologia pediátrica, com especial atenção à abordagem junguiana.

	TÍTULO	DAT A	OBSERVAÇÕES
1	A Manifestação do Inconsciente Através da Arte Sob a Perspectiva da Psicologia Analítica	2023	.
2	Arteterapia e Psicologia Analítica	2014	
3	Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo	2014	
4	Para entender arteterapia: cartografias da coragem	2021	Livro
5	A pintura como ferramenta terapêutica para crianças hospitalizadas: uma abordagem na oncologia pediátrica	2019	Capítulo 2
6	A arte como terapia: princípios e práticas	2016	
7	A Arteterapia como Instrumento do Psicólogo na Clínica	2017	Descartado após leitura do resumo
8	Arteterapia: Instrumentalização do Processo Psicoterapêutico e as contribuições de Nise da Silveira	2023	

9	Um Estudo da Arteterapia como recurso terapêutico: um processo transforma-dores	-	Descartado após leitura do resumo
10	Contribuições da arteterapia na prática do psicólogo hospitalar na enfermaria pediátrica	2022	
11	O sujeito criador através da autoanálise da própria produção artística	2021	Descartado após leitura do resumo
12	Arteterapia: a arte como recurso terapêutico para a expressão de conteudos inconscientes	2020	
13	A arteterapia como expressão e suporte de sentimentos de crianças e adolescentes sob tratamento oncológico	2018	
14	Musicoterapia na oncologia pediátrica: impactos emocionais e físicos	2020	Capítulo 2
15	A arteterapia no atendimento psicológico: revisão sistemático	2019	Descartado após leitura do resumo
16	Arteterapia e a expressão simbólica da criança	2021	
17	Arteterapia como suporte terapêutico oncológico pediátrico	2024	
18	Crianças com leucemia: estudo das condições emocionais pela arteterapia numa abordagem junguiana	2016	
19	Arte como instrumento psicoterapêutico no tratamento hospitalar de pessoas com doenças onco-hematológicas	2020	
20	Arte e Psicologia relações e possibilidades em intervenções terapêuticas	2023	Descartado após leitura do resumo

21	A Arteterapia como possibilidade de reencontro de si na relação com outros	2017	Descartado após leitura do resumo
22	A Arteterapia como ferramenta terapêutica com grupo de crianças e de adolescentes com doenças crônicas e graves	2019	
23	A escultura como estratégia de enfrentamento para crianças com câncer	2021	Capítulo 2
24	O teatro como intervenção terapêutica para crianças com câncer	2018	Capítulo 2
25	O Desenho como Símbolo: uma Revisão da Expressão Gráfica pela Ótica da Psicologia Analítica	2018	Descartado após leitura do resumo
26	O tratamento terapêutico com arteterapia	2021	Descartado após leitura do resumo
27	A dança como expressão terapêutica na oncologia pediátrica	2022	Capítulo 2
28	Artes da Vida: Uma Visão Junguiana da Arteterapia	2007	Descartado por conta da data de publicação
29	Escrita terapêutica na oncologia pediátrica: benefícios emocionais e cognitivos	2019	Capítulo 2
30	Uma introdução a arteterapia	2023	
31	Benefícios da arteterapia para crianças com câncer: um estudo longitudinal	2023	
32	Universo Junguiano e Arteterapia	1995	Descartado por conta da data de publicação

33	Arteterapia: fundamentos, práticas e contextos	2012	
----	--	------	--

ARTETERAPIA NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

1. Arteterapia

Mas afinal, o que seria arteterapia? Segundo a Associação Brasileira de Arteterapia, a arteterapia pode ser definida como um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação entre cliente e profissional. Ela é uma prática que integra a expressão artística com processos terapêuticos e tem ganhado destaque como uma abordagem eficaz no campo da saúde mental e bem-estar (Reis, 2014).

Sua fundamentação se encontra em teorias da psicanálise freudiana e psicologia analítica junguiana. Freud apontava que o inconsciente pode se expressar por imagens e que a arte seria uma forma de sublimar as pulsões vindas desse inconsciente. Enquanto Jung, pontuava criatividade artística como “uma função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura estava em dar forma, em transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas” (Reis, 2014).

Segundo Philippini (2021), existem três diferentes ramos que a arteterapia pode seguir. Estes surgem conforme a história do desenvolvimento deste campo de atuação. O primeiro vem da mãe da arteterapia, Margareth Naumburg, ela foi a primeira a determinar arteterapia como um campo específico nos anos 40. Tinha sua base teórica na psicanálise, isso significa que valorizava e destacava a importância a produção da arte, mas considerava o desvelamento dos conteúdos simbólicos o produto terapêutico.

Já Edith Kramer, nos anos 30, produziu um estudo que tinha sua base teórica psicanalítica, ela acreditava que a criação artística como terapêutica por si só, ou seja, o processo do fazer artístico é mais valioso que o produto e comunicação verbal do que foi produzido. Em meados dos anos 40 e anos 50, Elinor Ulman, produziu um trabalho que mostrava que o valor terapêutico da atividade artística estava tanto no processo de criação quanto na leitura do resultado (De Moraes; Tesser, 2023).

No Brasil, este campo ganhou força e nome com Osorio Cesar e Nise da Silveira, ambos trabalhos se complementaram e revolucionaram os moldes do modelo manicomial no país. Nise acreditava que um ambiente permeado por liberdade e afeto abria espaço para uma cura por meio de simbolismos como linguagem para comunicação entre paciente e terapeuta (De Moraes; Tesser, 2023). Entretanto, não importa qual caminho siga, no final “ao deixar-se levar pela criação artística o indivíduo entra em contato com sua liberdade de expressão, criatividade e sensibilidade e essa entrega possibilita auxiliar a integração de sua personalidade” (Jung, 2013 *apud* De Moraes; Tesser, 2023).

Uma das principais vantagens da arteterapia é sua abordagem holística, que reconhece a interconexão entre mente, corpo e espírito. (Philippini, 2021). Ao permitir a expressão criativa por meio de diferentes mídias artísticas, como pintura, escultura, dança e música, a arteterapia capacita os indivíduos a explorarem e processarem emoções difíceis, traumas e conflitos internos. Essa abordagem não verbal e simbólica pode acessar aspectos inconscientes da psique, promovendo insights e transformações profundas, ou seja, ela contribui para a transformação do sujeito.

Além destes benefícios individuais, a arteterapia também tem demonstrado impacto positivo em nível comunitário e social. Programas de arteterapia em escolas, hospitais, prisões e centros comunitários têm promovido a coesão social, a comunicação interpessoal e a inclusão de grupos marginalizados (CONGRESSO BRASILEIRO DE ARTERAPIA, 2022). Por meio da criação artística colaborativa, os participantes podem compartilhar experiências, fortalecer vínculos sociais e desenvolver habilidades de resolução de conflitos.

“As terapias expressivas e a arteterapia são defendidas a nível social como um fator que auxilia, desde o campo individual, no reconhecimento da própria potência e na sanidade mental através do autoconhecimento, até a conscientização e elaboração de maneiras de lidar com confrontos e conflitos no âmbito coletivo, favorecendo uma participação consciente e ativa no processo político, econômico e histórico da sociedade (ANDRADE, 2000 *apud* DE MORAES; TESSER, p.32, 2023).”

Em suma, a arteterapia emerge como uma abordagem promissora e multifacetada para promover o bem-estar emocional, mental e social. Com uma base sólida de evidências científicas e um compromisso contínuo com a pesquisa e prática baseadas em evidências, a arteterapia tem o potencial de desempenhar um papel significativo na melhoria da saúde

mental e na promoção da qualidade de vida para indivíduos e comunidades em todo o mundo.

2. Arteterapia e a psicologia analítica

A Psicologia Analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, oferece uma base sólida para a arteterapia ao tratar a criação artística como uma forma de comunicação entre o consciente e o inconsciente (Philippini, 2021). Jung acreditava que a psique humana é composta por uma camada superficial – o consciente – e uma camada profunda, o inconsciente, que abriga memórias, imagens e símbolos universais, conhecidos como arquétipos (Jung, 1985).

O inconsciente, por sua vez, é dividido em inconsciente pessoal – contendo experiências reprimidas, memórias individuais e conteúdos subliminares – e inconsciente coletivo, que consiste em imagens e experiências universais que se originam a partir dos arquétipos. . Esses arquétipos se manifestam através de símbolos e têm um impacto significativo na psique, podendo muitas vezes expressar-se em sonhos, fantasias e, no contexto terapêutico, nas produções artísticas. Eles vão refletir experiências e emoções compartilhadas pela humanidade, que muitas vezes encontram na arte uma expressão mais rica e genuína por conta da sua hereditariedade.

“Enquanto o inconsciente pessoal é composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns a todos os homens e transmitem-se por hereditariedade. [...] São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma” (SILVEIRA, 1968, p. 34)

Jung (1964) descreveu os símbolos como “expressões condensadas de significados”, ou seja, representações de conteúdos inconscientes que, por sua natureza, transcendem a linguagem verbal e encontram na arte uma das formas de expressão. Logo, pode-se dizer que, a abordagem junguiana vê a expressão simbólica como uma ferramenta para a transformação psicológica, possibilitando ao paciente o contato com aspectos desconhecidos de si mesmo.

“A função criadora de símbolos oníricos é, assim, uma tentativa para trazer a mente original do homem a uma consciência 'avançada' ou esclarecida que até então lhe era desconhecida [...]. A mente consciente, portanto, jamais conheceu aquela mente original, rejeitada no próprio processo de desenvolvimento desta consciência diferenciada, a única capaz de perceber tudo isto” (JUNG, 1964, p. 96)

Na arteterapia junguiana, o terapeuta vai assumir um papel de guia, ajudando o paciente a interpretar e integrar os conteúdos simbólicos emergentes durante o processo artístico. (Lima et al., 2019). Essa dinâmica de interação entre o consciente e o inconsciente pode então, ser mediada pela criação artística, que vai servir como uma forma de “diálogo” visual entre o paciente e sua própria psique, ou seja, eles viram “pontes” entre o consciente e o inconsciente. Quando esses símbolos são expressos nessas formas visuais, o paciente consegue “externalizar” emoções complexas, ampliando sua compreensão sobre os próprios sentimentos e experienciando um maior equilíbrio interno.

“Pode-se expressar o distúrbio emocional, não intelectualmente, mas conferindo-lhe uma forma visível. Os pacientes que tenham talento para a pintura ou o desenho podem expressar seus afetos por meio de imagens [...] Aqui também se tem um produto que foi influenciado tanto pela consciência como pelo inconsciente, produto que corporifica o anseio de luz, por parte do inconsciente, e de substância, por parte da consciência” (Jung, 1985, p. 168)

Durante essa criação artística, o indivíduo manifesta sentimentos, memórias e imagens arquetípicas, facilitando o processo de individuação, ou seja, o desenvolvimento de uma identidade autêntica e integrada. Jung criou o conceito de individuação como um processo de desenvolvimento pessoal, onde o indivíduo explora e integra uma síntese dos aspectos conscientes e inconscientes de sua psique. Sendo assim, o processo de individuação busca uma integração equilibrada entre o ego e o self, possibilitando uma vida mais plena e autêntica.

“Todo ser tende a realizar o que existe nele em germe, a crescer, a completar-se. [...] Precisamente no confronto do inconsciente pelo consciente, no conflito como na colaboração entre ambos é que os diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo específico e inteiro. [...] Isso, em termos toscos, é o que eu entendo por processo de individuação” (JUNG, 1968, p. 62).

Segundo Fiorindo (2014), a arteterapia pode ser um meio para conduzir indivíduos ao autoconhecimento. Os resultados da sua pesquisa que se trataram de sessões de desenho realizadas com um grupo de idosos residentes em uma instituição, indicam que a arteterapia, fundamentada na Psicologia Junguiana, facilita o processo de individuação e a integração da psique, proporcionando benefícios significativos no bem-estar dos participantes. Sendo assim, pode-se dizer que a arteterapia se mostra como uma

ferramenta eficaz para o desenvolvimento integral do ser humano, promovendo mudanças positivas no estado de consciência e despertando sentimentos de harmonia interior.

Assim, a arteterapia, fundamentada na psicologia analítica de Jung, destaca-se como uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento pessoal e o autoconhecimento. Ao utilizar a expressão artística como meio terapêutico, permite ao indivíduo acessar conteúdos inconscientes e simbolismos que promovem uma compreensão mais profunda de si mesmo (JUNG, 2016). Essa prática auxilia no processo de individuação, estimulando a integração de aspectos conscientes e inconscientes da psique e contribuindo para uma vida mais equilibrada e autêntica (SILVEIRA, 2015). Com uma abordagem que transcende o verbal, a arteterapia facilita a exploração emocional e a cura, beneficiando tanto a saúde mental quanto a qualidade de vida. Essa prática não só tem impacto positivo no nível individual, mas também em contextos sociais e comunitários, promovendo coesão, inclusão e expressão em diferentes grupos (NAGE; SIMONATO, 2023).

AS PRÁTICAS DA ARTETERAPIA NA PEDIATRIA ONCOLOGICA

O diagnóstico de câncer na infância e adolescência representa uma ruptura drástica na vida do paciente e de sua família, gerando impactos físicos, emocionais e sociais. Em um contexto tão sensível, a arteterapia tem se mostrado uma intervenção relevante e promissora, capaz de promover bem-estar, acolhimento emocional e expressão subjetiva por meio de atividades artísticas. Sendo assim, o ambiente hospitalar (muitas vezes associado a dor e à rotina invasiva de tratamentos) torna-se, através da arteterapia, um espaço de criação e ressignificação de experiências (CALLAI, 2018).

"A arteterapia oferece um ambiente terapêutico favorável à exteriorização não verbal de sentimentos e pensamentos reprimidos, atuando como suporte emocional significativo diante dos desafios impostos pelo tratamento oncológico pediátrico" (Rosa et al., 2024, p. 2).

Isso significa que no campo da oncologia pediátrica, a arteterapia é aplicada com o objetivo de acolher o sofrimento emocional de crianças e adolescentes, facilitando a elaboração simbólica da dor, do medo e da vivência hospitalar. Segundo Rosa et al. (2024), a arteterapia proporciona um ambiente terapêutico lúdico e acolhedor, permitindo a expressão de sentimentos que, muitas vezes, não conseguem ser verbalizados.

Crianças hospitalizadas muitas vezes experimentam sentimentos de isolamento, e a arte se torna um canal de aproximação e interação (CALLAI, 2018). Isso ocorre porque o processo criativo, ao permitir a representação simbólica da dor e do sofrimento, devolve à criança um certo grau de controle sobre sua experiência, tornando-a sujeito ativo na construção de sua narrativa de vida (FURTH, 2002).

Existem diversas formas que essas práticas arte terapêuticas podem ser realizadas com as crianças em tratamento oncológico, sendo elas de forma individual ou em grupo, e utilizando de diferentes linguagens: pintura, desenho, colagem, modelagem em argila,

dramatizações, entre outras (CALLAI, 2018). A escolha da linguagem artística deve respeitar o estado clínico da criança, sua idade, interesses e limitações momentâneas (ROSA et al., 2024).

Uma das formas mais comuns de arteterapia nesse cenário é a pintura. Estudos como o de Costa et al. (2019) demonstram que crianças hospitalizadas que participaram de atividades de pintura apresentaram redução nos níveis de estresse e ansiedade. Isso ocorre porque a pintura permite que a criança expresse visualmente suas emoções, facilitando o entendimento de seus sentimentos e promovendo uma experiência terapêutica.

Outra forma relevante é o desenho, que também é amplamente utilizado por profissionais da saúde para compreender o universo emocional das crianças com câncer. Segundo Kramer (2016), o desenho não apenas auxilia no diagnóstico emocional, mas também fortalece a comunicação entre o paciente e a equipe de saúde.

A música é outra forma expressiva eficaz no tratamento oncológico pediátrico. De acordo com um estudo realizado por Lima e Souza (2020), a musicoterapia tem um impacto positivo na redução da dor e no aumento do bem-estar dos pacientes pediátricos com câncer. A utilização da música como ferramenta terapêutica permite uma experiência sensorial e emocional que alivia tensões e promove relaxamento.

A escultura, embora menos comum, também tem sido aplicada na pediatria oncológica com resultados positivos. Segundo um estudo conduzido por Oliveira e Mendes (2021), a modelagem com argila ajuda as crianças a desenvolverem habilidades motoras e expressivas, além de proporcionar uma sensação de controle sobre sua realidade, muitas vezes incerta devido às condições do tratamento.

O teatro terapêutico é outra vertente utilizada na arteterapia aplicada à oncologia pediátrica. Conforme aponta Santos (2018), as dinâmicas teatrais permitem que a criança experimente diferentes papéis, expressando-se de maneira segura e lúdica. Esse tipo de abordagem pode contribuir para o fortalecimento da autoestima e da resiliência emocional do paciente.

A dança também tem demonstrado grande potencial terapêutico. Um estudo realizado por Moreira e Almeida (2022) indicou que crianças com câncer que

participaram de atividades de dança experimentaram melhora na mobilidade física e uma redução dos sintomas depressivos. A expressão corporal por meio da dança favorece a liberação de endorfinas, promovendo bem-estar.

A escrita terapêutica é uma modalidade que tem sido incorporada em alguns centros de tratamento infantil. Segundo Ribeiro (2019), ao escreverem sobre suas experiências, as crianças conseguem reorganizar suas emoções e desenvolver uma narrativa positiva sobre sua jornada.

Estudos recentes têm demonstrado que a combinação de diferentes formas de arteterapia pode ser ainda mais eficaz no suporte às crianças em tratamento oncológico. Um estudo longitudinal realizado por Ferreira et al. (2023) acompanhou crianças submetidas a diferentes modalidades de arteterapia e constatou que aquelas que participaram de pelo menos duas atividades artísticas distintas apresentaram melhores índices de adaptação emocional.

Já Callai (2018), em sua pesquisa, organizou intervenções arte terapêuticas com crianças oncológicas utilizando temáticas específicas como medo, dor, tristeza e saudade. Cada encontro era estruturado a partir de uma narrativa simbólica, seguida de uma atividade artística que incentivava a expressão emocional. Esses encontros permitiram não apenas a externalização de sentimentos, mas também o fortalecimento do vínculo entre os participantes e a construção de estratégias de enfrentamento. Entre os benefícios observados, destacam-se a melhora da comunicação, a diminuição da ansiedade e o fortalecimento da autoestima, além disso, esse estudo evidenciou que em termos técnicos, a arteterapia pode ser adaptada para diversas condições clínicas.

Em suma, pode-se dizer que, em contextos hospitalares, o uso da arte (independente da sua forma) favorece o contato com conteúdos inconscientes e intrapsíquicos, o que amplia a consciência emocional e facilita o processo de enfrentamento da doença (CARVALHO; NETO; FERREIRA, 2020). As diferentes práticas da arteterapia na pediatria oncológica oferecem uma abordagem integrativa e sensível, promovendo um espaço de escuta, expressão e acolhimento diante das complexidades do adoecimento infantil. Sua inserção nos serviços de saúde não apenas amplia os recursos terapêuticos disponíveis, como também reforça a importância de uma clínica que valorize a subjetividade e o potencial criativo do ser humano.

AS PRÁTICAS DA ARTETERAPIA NA ONCOLOGIA PEDIATRICA SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Como já visto anteriormente, a arteterapia tem se consolidado como uma prática terapêutica expressiva que visa promover o bem-estar emocional e psicológico de diferentes populações, inclusive crianças em tratamento oncológico. Ao integrarmos essa prática com a psicologia analítica, a arteterapia passa a oferecer uma abordagem mais profunda e simbólica, pois permite o acesso aos conteúdos inconscientes através da linguagem imagética e lúdica, esta qual é especialmente significativa no contexto da infância.

A psicologia analítica, proposta por Jung, parte do princípio de que a psique humana é composta por estruturas que vão além da experiência individual, incluindo dimensões inconscientes coletivas (JUNG, 2002). Nesse sentido, a arteterapia atua como ponte entre o inconsciente e a consciência, permitindo que imagens arquetípicas emergentes no processo criativo infantil sejam reconhecidas, compreendidas e integradas (PHILIPPINI, 2021).

Um dos fundamentos centrais dessa abordagem é o conceito de arquétipos, entendidos como formas universais de representação simbólica presentes no inconsciente coletivo. Quando uma criança em tratamento oncológico desenha figuras como heróis, animais ou mandalas, está expressando símbolos que ultrapassam sua experiência individual e dialogam com conteúdos arquetípicos (JUNG, [1954] 2002, §5). Tais imagens oferecem pistas sobre conflitos internos, mecanismos de enfrentamento e possibilidades de reorganização psíquica através de projeções nas produções artísticas das crianças durante a arteterapia, tornando-se meios eficazes de comunicação e elaboração de seus sentimentos.

“A arte é compreendida aqui como promotora da manifestação de conteúdos internos e emoções dos mais diversos contextos da alma humana. A expressão e restauração de sentimentos e a relação com imagens internas exerce seu potencial em ordenar a realidade do indivíduo, promovendo autoconhecimento e aprofundamento das questões do mundo interno” (SILVEIRA, 1976 apud PICCOLI, 2016, p. 34)

Em contextos hospitalares, o adoecimento representa uma ruptura com a normalidade da vida infantil, mobilizando afetos profundos e, muitas vezes, inomináveis. A arte, como linguagem simbólica, possibilita à criança expressar o que ainda não pode ser dito com palavras. Ao alinhar essa prática junto a sua aplicação por um profissional sensibilizado à linguagem simbólica, permite que a criança acesse sua psique profunda de forma segura. Segundo Maciel (2012), ao dar forma aos conteúdos internos por meio da arte, o sujeito perde o medo do desconhecido e pode confrontar suas angústias de forma simbólica, possibilitando uma transformação criativa desses conteúdos.

Outro conceito essencial da psicologia analítica que é preciso compreender para entender a relevância da arteterapia associada a essa abordagem é o de inconsciente pessoal, ele “contém principalmente conteúdos que foram conscientes em algum momento, mas que desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos” (JUNG, [1954] 2016, p. 10). Ou seja, para Jung o inconsciente pessoal é uma camada da psique composta por conteúdos individuais, como lembranças esquecidas, experiências reprimidas, traumas ou associações perdidas — diferentemente do inconsciente coletivo, que nunca foi consciente e contém os arquétipos.

Na infância hospitalar, esse inconsciente pode conter medos ligados à separação dos pais, à dor física ou à própria finitude. A arteterapia oferece um espaço protegido para que essas emoções encontrem expressão e acolhimento (SILVEIRA, 1992). O ego, como centro da consciência (JUNG, [1954] 2016, p. 44), encontra-se enfraquecido durante o adoecimento infantil, pois a criança se vê diante de situações que escapam à sua compreensão e controle. A arte, neste contexto, atua como mediadora na reconstrução do ego, permitindo que a criança resgate um senso de continuidade e identidade mesmo em meio à experiência da doença (PICCOLI, 2016).

Ademais, Jung (2016) destaca a importância do processo de individuação, este o qual visa à realização do Self, isto é, da totalidade psíquica — sendo essa totalidade algo que já existe como potencial e precisa ser atualizado pela consciência. Ainda que esse

conceito pareça mais associado à vida adulta, ele também pode ser observado na infância, especialmente quando a criança é estimulada a se apropriar de suas imagens internas e a significá-las criativamente. Na arteterapia, cada produção artística representa um passo em direção à integração psíquica e ao fortalecimento do self (JUNG, [1954] 2002, §66).

O símbolo, enquanto elemento mediador entre consciente e inconsciente, ocupa papel importante nesse processo. Quando a criança escolhe cores, formas ou narrativas em suas produções, está tentando comunicar algo que, muitas vezes, não encontra espaço na linguagem verbal. Como afirma Maciel (2012), o símbolo não apenas representa um conteúdo, mas atua como transformador da energia psíquica.

“(...) a função do símbolo para Jung é a de estruturante, porque este promove a canalização da energia psíquica e concede o diálogo do consciente e inconsciente, sendo movidos pela exigência de expansão do Self. O símbolo ou a imagem simbólica são capazes de impulsionar o eixo ego-self, fazendo emergir sua atitude transcendente e possibilitando uma mudança na conduta consciente” (MACIEL, 2012, p. 31)

A linguagem simbólica é especialmente acessível à criança, pois dialoga com sua forma de percepção e expressão natural (PICCOLI, 2016). O jogo, o faz-de-conta e o desenho são meios espontâneos de se comunicar com o mundo interno. A arteterapia, ao validar essas formas de expressão, respeita a singularidade da infância e oferece uma escuta sensível ao sofrimento psíquico vivido no hospital (PICCOLI, 2020; MACIEL, 2012).

Um exemplo é a pesquisa de Piccoli (2016) na qual quatro crianças diagnosticadas com leucemia linfoide aguda participaram de cinco sessões de arteterapia. Suas produções artísticas, analisadas à luz da psicologia junguiana, revelaram imagens recorrentes relacionadas a polaridades como vida e morte, dia e noite, sol e chuva. Tais imagens funcionaram como mecanismos de compensação e regulação psíquica.

A criança, ao representar simbolicamente o adoecer, pode retomar algum grau de controle psíquico sobre a própria experiência. A imagem do herói, por exemplo, é comum nos desenhos infantis em tratamento oncológico, indicando a luta interna contra a doença, visto que segundo Jung (1991), o arquétipo do herói está ligado à jornada de superação e individuação, elementos essenciais à psicologia do desenvolvimento.

Piccoli (2020) ressalta que a arteterapia promove espaços seguros para que a criança expresse suas imagens interiores, o que pode resultar em maior adesão ao tratamento e fortalecimento do ego diante da fragilidade do corpo. Essa compreensão está alinhada ao pensamento de Jung (2000), que via o simbolismo como via de integração e cura.

Já Nise da Silveira, ao trabalhar com pacientes psiquiátricos graves, afirmava que a arte é uma via privilegiada para acessar o mundo interno e dar forma ao invisível e o ato criador em pacientes permite o contato com as "forças vivas" do inconsciente, promovendo uma reorganização interna diante da dor e do caos (SILVEIRA, 2015). Sua abordagem humanizada e profunda inspira a prática arteterapêutica contemporânea, inclusive no contexto hospitalar pediátrico, onde o sofrimento é muitas vezes silenciado pelo medo e pela medicalização excessiva.

Ao proporcionar um espaço de liberdade criativa, a arteterapia permite à criança expressar não apenas sua dor, mas também sua esperança, resiliência e potência de vida. As imagens produzidas tornam-se testemunhas de sua trajetória psíquica e simbólica diante do adoecimento. Como aponta Piccoli (2016), a arte favorece a construção de narrativas pessoais mais integrais e menos dominadas pelo trauma.

Ademais, tem se a contribuição de Susan Bach, que é especialmente relevante quando se trata da compreensão simbólica das imagens produzidas por crianças em contextos de sofrimento, como o tratamento oncológico. Sua abordagem, fundamentada na psicologia analítica, destaca-se pela sensibilidade em observar como as expressões simbólicas revelam aspectos profundos do inconsciente. Bach considerava que as produções artísticas espontâneas, especialmente os desenhos, funcionavam como reveladores do estado psíquico, oferecendo sinais precoces de sofrimento emocional ou de transformação interior. No contexto da arteterapia hospitalar com crianças, essa perspectiva permite ao terapeuta acessar elementos subjetivos muitas vezes inacessíveis pela via verbal, sendo fundamental para uma escuta clínica ampliada.

Segundo Piccoli (2016), o pensamento de Susan Bach foi essencial para a construção da metodologia de análise simbólica das imagens produzidas pelas crianças com leucemia. Inspirada por sua obra, a autora desenvolveu um olhar atento às imagens que surgiam nas sessões de arteterapia, reconhecendo nelas elementos que apontavam

para o enfrentamento da doença, para a resiliência emocional e para o processo de individuação. As imagens de árvores, animais, pontes e mandalas, por exemplo, foram interpretadas como expressões arquetípicas que, além de traduzirem o estado emocional das crianças, funcionavam como ferramentas de reorganização interna e cura simbólica. A influência de Bach, nesse sentido, reafirma o valor terapêutico da imagem como via legítima de expressão da psique, especialmente na clínica infantil oncológica.

O terapeuta, nesse processo, não é um intérprete onisciente, mas um facilitador da escuta e do encontro com as imagens internas. Sua postura não diretiva e empática contribui para que a criança sinta-se segura para criar, experimentar e se apropriar de seu processo simbólico (FIORINDO, 2014). É nesse vínculo que se constrói o verdadeiro potencial terapêutico da arte.

Por fim, a prática da arteterapia na oncologia pediátrica, quando fundamentada na psicologia analítica, transcende a função de distração ou passatempo. A imagem criada, como ensina Capucho (2020), é projeção de conteúdos internos que, ao tomarem forma, tornam-se passíveis de integração pela consciência. A arteterapia se torna um instrumento profundo de reorganização da psique infantil, permitindo que o sofrimento encontre caminhos simbólicos de elaboração e ressignificação (PRADO, 2023). O que está em jogo não é apenas o enfrentamento da doença, mas o fortalecimento da vida psíquica e da potência criativa da criança em meio à adversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender, a partir da literatura pesquisada, de que forma a arteterapia pode influenciar a vida de pacientes em contexto de oncologia pediátrica. Por meio de uma análise bibliográfica qualitativa, embasada em referenciais teóricos da psicologia analítica junguiana e em pesquisas aplicadas em contextos hospitalares, foi possível observar que a arteterapia se apresenta como um recurso terapêutico promissor, sensível e profundamente simbólico na promoção do bem-estar emocional de crianças em tratamento contra o câncer.

Evidenciou-se que a arteterapia não atua apenas como um complemento lúdico à rotina hospitalar, mas como uma ferramenta legítima de intervenção psicoterapêutica, permitindo o acesso a conteúdos inconscientes e a ressignificação simbólica do adoecimento (PICCOLI, 2016; PHILIPPINI, 2021; FIORINDO, 2014). Entretanto, apesar das contribuições significativas desses estudos, a pergunta inicial deste trabalho não encontra uma resposta definitiva, mas abre espaço para novas reflexões e apontamentos críticos.

Um dos principais pontos críticos observados está na fragilidade metodológica de parte da literatura analisada. Ainda que alguns estudos apresentem efeitos positivos da arteterapia na redução da ansiedade e no fortalecimento da autoestima de crianças hospitalizadas (ROSA et al., 2024; CALLAI, 2018), a carência de protocolos sistematizados, avaliações longitudinais e indicadores clínicos precisos limita a generalização dos resultados. Observa-se, também, a necessidade de pesquisas mais robustas que sustentem com maior evidência os benefícios da prática.

Outro ponto a ser destacado é a escassez de estudos que aprofundem a articulação entre arteterapia e psicologia analítica junguiana no contexto da infância hospitalizada. Embora Piccoli (2016) e Maciel (2012) forneçam análises ricas sobre símbolos, arquétipos e individuação na arteterapia infantil, a literatura ainda é nova quanto à aplicação sistemática desses conceitos em intervenções clínicas estruturadas. Tal lacuna indica uma oportunidade valiosa de avanço científico na área.

A pesquisa também revelou um descompasso entre o reconhecimento institucional da arteterapia como prática integrativa no SUS e sua efetiva implementação nos serviços de saúde infantil (MOCARZEL; COELHO, 2023). Ainda são escassas as políticas públicas que assegurem a presença contínua de arteterapeutas qualificados em hospitais pediátricos, comprometendo a democratização do acesso a essa modalidade de cuidado.

Ademais, constatou-se que a formação profissional do arteterapeuta precisa ser aprofundada. O exercício responsável dessa prática exige tanto domínio técnico das linguagens artísticas quanto uma compreensão sensível da dinâmica simbólica da psique, sobretudo quando inserida em contextos de sofrimento extremo, como o câncer infantil (PHILIPPINI, 2021; DE MORAES; TESSER, 2023).

Apesar dessas limitações, os estudos analisados apontam para benefícios significativos da arteterapia: ampliação da comunicação afetiva, elaboração simbólica do sofrimento, fortalecimento do ego e aumento da adesão ao tratamento (FURTH, 2002; MACIEL, 2012; PICCOLI, 2016). As imagens criadas pelas crianças funcionam como pontes entre o consciente e o inconsciente, permitindo que reorganizem suas experiências psíquicas de maneira mais integrada e resiliente (JUNG, 2002).

Com base nessas observações, recomenda-se para pesquisas futuras: a realização de estudos empíricos de longo prazo com amostras mais amplas; a construção de protocolos clínicos com base na psicologia analítica; o fortalecimento da formação interdisciplinar de arteterapeutas; e a ampliação do reconhecimento institucional da arteterapia em políticas públicas de saúde infantojuvenil.

Conclui-se, portanto, que a arteterapia pode influenciar de maneira positiva a vida de pacientes da oncologia pediátrica, especialmente quando fundamentada na psicologia analítica. Sua capacidade de promover a expressão simbólica, o autoconhecimento e a reorganização emocional, oferece caminhos legítimos para o cuidado humanizado da

infância em sofrimento. Ainda há muito a ser desenvolvido nesse campo, mas os indícios encontrados nesta pesquisa reafirmam a importância da arte como linguagem de cura, resistência e esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI, Vanessa de Sousa. A arteterapia como expressão e suporte de sentimentos de crianças e adolescentes sob tratamento oncológico. 2018. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CAPUCHO, Mariana Gonzaga. *Arteterapia: a arte como recurso terapêutico para a expressão de conteúdos inconscientes*. Universidade de Taubaté, 2020.

CARVALHO, Gabriela Borges; NETO, Sebastião Benício da Costa; FERREIRA, Cintia Bragheto. Arte como instrumento psicoterapêutico no tratamento hospitalar de pessoas com doenças onco-hematológicas. *Revista da SBPH*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 95-108, jan./jun. 2020.

COSTA, M. A.; SILVA, R. T.; OLIVEIRA, L. P. A pintura como ferramenta terapêutica para crianças hospitalizadas: uma abordagem na oncologia pediátrica. *Revista Brasileira de Terapias Expressivas*, v. 5, n. 2, p. 45-60, 2019.

DE MORAES, Marielly; TESSER, Charles Dalcanale. Uma introdução à arteterapia. In: PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE: discussões, experiências e casos de sucesso, v. II, p. 24-38, 2023.

FERREIRA, J. P.; ALMEIDA, S. R.; MARTINS, C. G. Benefícios da arteterapia para crianças com câncer: um estudo longitudinal. *Jornal de Psicologia Clínica e Saúde*, v. 12, n. 1, p. 22-38, 2023.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Arteterapia e psicologia analítica. 2014.

FURTH, Gregg M. *O mundo secreto do desenho*. São Paulo: Summus, 2002.

JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1985. [1954].

JUNG, C. G. *A psicologia do inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1987. [1917].

JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000. [1958].

JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1985. [1928].

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. [1961].

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luísa Appy. Petrópolis: Vozes, 2016. [1954].

KRAMER, E. *A arte como terapia: princípios e práticas*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2016.

LIMA, C. R.; SOUZA, P. F. *Musicoterapia na oncologia pediátrica: impactos emocionais e físicos*. *Revista Brasileira de Musicoterapia Aplicada*, v. 8, n. 2, p. 30-50, 2020.

LIMA, Marcele de Fátima Ramos et al. *A arteterapia como ferramenta terapêutica com grupo de crianças e de adolescentes com doenças crônicas e graves*. 2019

NAGE, Araína Joana Ramos; SIMONATO, Fernanda Beatriz de Almeida. *Arteterapia: instrumentalização do processo psicoterapêutico e as contribuições de Nise da Silveira*. 2023.

MACIEL, Maria Célia; CARNEIRO, Rosely Monteiro. *Arteterapia de orientação dinâmica*. In: VASCONCELLOS, M. J. M.; GIGLIO, J. S. (Orgs.). *Arteterapia: fundamentos, práticas e contextos*. São Paulo: WAK, 2012.

MARTINS, Thayse Mayara Passos. *Contribuições da arteterapia na prática do psicólogo hospitalar na enfermaria pediátrica*. 2022.

MOREIRA, F. L.; ALMEIDA, J. S. A dança como expressão terapêutica na oncologia pediátrica. *Revista Brasileira de Terapias Expressivas*, v. 9, n. 1, p. 55-70, 2022.

OLIVEIRA, G. M.; MENDES, T. S. A escultura como estratégia de enfrentamento para crianças com câncer. *Revista de Psicoterapia Expressiva*, v. 6, n. 4, p. 80-95, 2021.

PICCOLI, Ana Paula Bonilha. *A arteterapia e a expressão simbólica da criança*. In: Diálogos na UNIPAZ Goiás, 2020.

PICCOLI, Ana Paula Bonilha. *Crianças com leucemia: estudo das condições emocionais pela arteterapia numa abordagem junguiana*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - PUC-SP, 2016.

PHILIPPINI, Angela. Para entender arteterapia: cartografias da coragem. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021.

PRADO, A. M. d. (2023). Arteterapia: A manifestação do inconsciente através da arte sob a perspectiva da psicologia analítica.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 34, p. 142-157, 2014.

RIBEIRO, M. J. Escrita terapêutica na oncologia pediátrica: benefícios emocionais e cognitivos. *Psicologia & Saúde Infantil*, v. 4, n. 1, p. 25-40, 2019.

ROSA, Maria Eduarda Pedroso Quero et al. Arteterapia como suporte terapêutico oncológico pediátrico. Seven Editora, p. 810-819, 2024.

SANTOS, H. F. O teatro como intervenção terapêutica para crianças com câncer. *Revista de Psicodrama e Terapia Expressiva*, v. 5, n. 3, p. 15-29, 2018.

SILVA, R. A.; ANDRADE, P. L. A arteterapia como meio de integração social em hospitais pediátricos. *Jornal de Humanização na Saúde*, v. 11, n. 2, p. 42-58, 2017.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968.

SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2015.

STEIN, Murray. *O mapa da alma segundo Jung: uma introdução*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Cultrix, 1998.

UBAAT. União Brasileira de Associações de Arteterapia. Disponível em:
<https://www.ubaat.org.br>. Acesso em: 15 mar. 2025.